

# Da correspondência de Jackson de Figueiredo

(Carta de PEDRO KILKERRY)

Estou em casa, e que para raros amigos não é avia rara e vou reler, em tua psique ou antes o teu livro. A janela rasgada para fora que defronta a mesa em que escrevo, dá-me a ver a oscilação de uma asa de sombra, moleza ferruginosa a descer ao recolhimento voluptuoso de cubos brancos, que a distância talvez sensibiliza: não sei, aquelas casas parecem-me tão nervosas, mas nem um passo, um sinal volitivo...

E a sombra desce mais. Algumas aves, porém, frecham, para arbutos e ninhos, a vontade faiscante de plumas e procuram lambeir o resíduo imaginário de um raio, uma carícia de sol, cuja intensidade — repara bem, — não é a que já foi para hindus, persas e gregos.

Anda rezando tudo o passado da sombra: apaga o variado e o multiforme e tenho que ele está chutando o ovo de uma uniformidade lúmena e redonda.

Assim, no nosso mundo literário, meu caro Jackson, se quita vontade faiscante de talento, outra língua como as folhas glaucas para os resquícios de fantasia e sonhos da humanidade que em muitos se fez utilitarista, arrivista, pragmatista, analfabetista e que sei mais? Nos dá a ilusão de nervos, a distância como as coisas que, aproximadas, têm a estupidez pacata dos seus habitantes, das suas imagens para falar à romana.

Ora, alguns pascos e eis-me à janela...

A sombra já distingue tudo, tudo, mas está picada de um brilho de estrelas fulvas que se parecem corresponder aqui e ali dentro da noite.

O incoerente será um poeta simbolista? Hartmann não o disse naquela segura filosófica tua conhecida; pois eu te o digo, o incoerente é um Rimbaud admirável, trabalha todo esse inanimado universal.

A sua pena? O seu lapis? A energia, que é o teu canto como é a voz de qualquer sapo.

O certo, porém, é que as poemas simbólicos do grande incoerente são momentâneos como fenômenos e se, algumas vezes, duram, deformando-se na nossa subjetividade, vale algum deus ao seu autor, que

não pertence ao rebanho de uma academia, à immortalidade de uma grel.

O incoerente aqui, Jackson, não são os incoerentes que farpeiam como um verso ligeiro, mas o que admira. Já imagino que te estou a ouvir: relê o meu livro logo, diz sobre o seu respeito e eu a responder com uma frase de latim rotulário de vinho que bebi um dia, prima abstinentia utendum. Contudo a verdade é esta; agora é que u'a mão, tu conheces, seca, como borboleta morta entre as folhas de um livro, treme viltu eu, por quanta besta versealizada que é encanto, e faz abrir a rosa de luz de um castiçal que é um magro companheiro cor de bronze das noites em que Alberto, Bilac, Verhaeren, Rodembach e alguns novos contigo como Alcides e outros sacodem os pétalos dos seus cantos — flores, soando no ambiente de uma sala deserta.

Ah! com um livro bom, uma boa página de versos, o nosso sentimento infunde vida apaixonada numa fotografia, numa recordação do autor e temo-lo vivo, ouvimo-lo arpa ou lira em punho, em atenção simpática; que é a nós mesmos que ouvimos ou na dor ou na alegria.

Tal a nossa satisfação, de algum achar-nos, na abertura do convencionalismo verbal, o ritmo que julgávamos ter morrido com alguma imagem sensorial que o nosso poder de analogia estriou, amorteceu, decomps!

Abro-te o livro e é como se cantasse a um instrumento que vale a pena ouvir.

Soa o teu primeiro canto no Soneto da Saudade, horas recordativas, em cujas vibrações finais, vejo-te a retrospectiva lacrimosa de poeta, e são

... Vultos à luz de um sol saudosos, Minha mãe e meus pais, que eu tenho ainda,

Meu velho avô curvado e tão bondoso...

Alguna prima, que se foi, moçinha... E a tinta nova de uma dor infunda. De onde sorri para mim minha avozinha.

ordem podia dar à anarquia contemporânea, e a sua figura de herói e de artista, de homem de ação e de sábio vai pouco a pouco aproximando-se e por fim surge, duplamente envolvida, de entre as fileiras das suas pátrias do completo antiquilamento. A Igreja podia gloriar-se de mais um filho, um verdadeiro filho, amante e fiel.

E é conveniente ler estas palavras do neto de Renan... "Toda a tentativa por nos libertarmos do catolicismo é um absurdo, pois, queiramos ou não, somos cristãos; e é uma maldade, visto que, quanto temos de belo e grande no coração, nos vem do catolicismo. Não apagaremos vinte séculos de história, precedidos de toda uma eternidade. E como a ciência foi fundada por crenças, nossa moral, no que tem de nobre e de elevado, também vem dessa grande e única fonte do cristianismo, de cujo abandono decorre a falsa moral assim como a falsa ciência".

No dia 8 de fevereiro de 1913, Ernest Psichari, o neto de Renan, "foi confirmado por mons. Gibier, na capela do pequeno seminário de Grandchamp.

Com a voz a tremer de ardor contido, recitou o "Credo", de que, uma a uma, acentuou as sílabas latinas. Após a confirmação, o bispo de Versailles lhe perguntou a sua idade: — Vinte e nove anos! Muito tempo perdido! foi a sua resposta.

E porque, assim, tanto tempo perdera foi que desde, então, o viram seus soldados e toda a França intelectual arder na febre de reparar, em cada livro, em cada ato, as injúrias que seu avô fizera à França cristã, e humilhou, ao melhor, possuído de santo orgulho, servir a missa e ser aquele mesmo ser — sacrifício, que Louis Veuillot também quisera ser... E foi deste modo, entre os rigores da vida militar e os rigores de uma exaltada prática cristã, que a Grande Guerra surgiu. Foi dos primeiros que marcharam contra o inimigo de sua pátria, foi dos primeiros que caíram fulminados no campo de honra.

"Os que o viram mais tarde ficaram impressionados ante a calma de seu rosto; tinha nas mãos o rosário que pudera segurar".

Eis aí, meu amigo, como soube morrer um neto de Renan. Felício o jornalista de Timbóre pelas suas ironias. Já podemos ser bons netos de Renan. E v. há de concordar comigo: Ernest Psichari foi, de fato, uma dessas naturezas que são privilégio daquela nação a quem, nem as desgraças nem os erros, tiraram ainda o que José de Maistre, então insuspeito de lhe ser favorável, pôde observar no seu destino: o exercício de uma verdadeira magistratura sobre a Europa e, por conseguinte sobre o mundo.

Quando uma dessas naturezas aparece como uma estrela sobre os céus borrosos daquela grande pátria, não há consciência cristã que não veja claramente alguma coisa de mais profundo e de mais forte, que o que prende todas as mais nações, ligando os destinos da França aos destinos da Igreja Católica.

E tem-se o desejo de dizer que sejam quais forem as aparências, sempre a causa da França é a causa da Igreja.

Rio, 9-1921. \* I

PEDRO KILKERRY.

# Trecho de ensaio

FRANCISCO KARAM

Dentro da comuna espiritual de Jackson de Figueiredo vivem os seus amigos, num milagre de harmonia e de felicidade. Cada um tem a sua tendência e a sua marca pessoal. E cada amigo, com a sua tendência e a sua marca pessoal representava aos seus olhos vivos e percipientes uma classe humana de espírito. O círculo dos seus amigos era como um pequeno mundo, onde todos os tipos mentais estivessem representados.

\* \* \*

O homem é sempre uma imagem de Deus. Imagem e semelhança de Deus. E essa idéia era como o chão, sobre o qual pousou toda a humanidade de Jackson.

A criatura não vale pelas suas qualidades positivas. A bondade, a inteligência, o sentimento, a razão, não melhoram o material humano. As qualidades negativas, por sua vez, não pioram a criatura. O pecado, a vaidade, o rancor, a mi fé, não diminuem o ser.

O que há de real na criatura é a semelhança do Criador, o reflexo e o calor das mãos e do hábito divino. E enquanto a vida — que é a graça de Deus — subsiste, há oportunidade do bom e do mau, trocarem de condições, perdendo-se o bom e salvando-se o mau.

O julgamento dos homens é a mais terrível das missões. É a missão de Deus-Pai. Só Deus-Pai é que pode julgar. Antes do julgamento, Deus-Filho desceu para redimir a Terra e encaminhar Deus-Espírito Santo.

A Igreja, que é Cristo, não julga. Condena o pecado e absolve o pecador.

O católico perfeito confessa os seus pecados e aproxima-se dos demais irmãos para levá-los à Igreja. E entre estes irmãos ele não vê nem piores, nem melhores, mas apenas, criaturas de Deus, que precisam de Deus.

\* \* \*

Jackson era o católico perfeito. Note, as palavras do Divino Mestre viviam como o sangue nas veias. Amou ao próximo como a si mesmo e interessou-se pelos seus semelhantes indistintamente. Viveu uma oblata pela Terra e pelo Céu.

As suas pupilas verdes e límpidas como duas crianças, acompanhavam todos os destinos humanos, com o amor e o carinho de um levita.

Nos longos passeios noturnos da rua Pedro Ivo ou pelas avenidas da Esplanada do Castelo, ele considerava o gari que passava ou o carroeiro, que lá ia, arrastando a alimaria pelos freios e perguntava: — Que diferença pode haver entre nós e estes homens, se todos somos semelhantes a Deus?

\* \* \*

A sua intuição andava pelos tempos futuros, como se estivesse lendo crônicas do passado. Foi Joseph De Maistre e foi a cura D'Ars. Indicava os caminhos políticos para o mundo, como um de nós mostra os caminhos cobertos de musgos de um presépio.

Sempre acertou, porque sempre falou de dentro da Igreja. Poucas vezes, na literatura universal, se encontra uma expressão tão forte para caracterizar o erro. Mas, também, poucas vezes se encontram expressões mais suaves, na compreensão dos que erravam e sofriam. Aquela fortaleza medieval, cheia de searas, era habitada por um poeta imenso e delicioso.

Se escreveu poucos versos, comprazia-se em se rever nos versos dos seus irmãos poetas, que ele recitava de cor, noites inteiras, com um sentimento e uma sensibilidade que eu nunca vi ninguém dar à poesia.

\* \* \*

O maior desejo de Jackson era escrever a história de Cristo. Ele afirmava que escrever a história do nosso Redentor era a glória maior que podia ambicionar um homem.

Deus atendeu-lhe o desejo ardente. Jackson escreveu a história de Cristo em milhares de corações brasileiros.

E não há livro melhor do que o coração da criatura, para se escrever a vida do Criador, que se fez criatura e teve a mais belas das histórias.

\* \* \*

Em Araraquara, eu não compreendi o telegrama que me comunicava ter o Senhor levado o Jackson de entre nós. Fiquei como um sonâmbulo ou um autômato.

Lembra-me, apenas, de minha Mãe, que dizia: — Felizes os que põem o seu destino nas mãos de Deus, porque esses não morrem.

Eu senti que morria qualquer coisa em mim e que o mundo morria, em parte, perdendo o seu comentador maravilhoso. Tive a noção perfeita de que o drama da existência despiu-se muito de sua gravidade, porque lhe faltava aquele cérebro vibrante onde ele vivia tão intensamente.

Mas não esqueci, nunca mais, as palavras de minha santa mãe:

— Felizes os que põem o seu destino nas mãos de Deus, porque esses não morrem.